

Cristiana Bastos

## Medicina e império em Goa: uma introdução

Este livro teve uma dupla génese. Uma primeira versão centrava-se no século XIX de Goa, onde, em finais da década de 1990, tínhamos iniciado um ciclo de projectos de investigação sobre medicina tropical, epidemias e biopoder nos contextos coloniais de administração portuguesa.<sup>1</sup> A literatura analítica de referência sobre medicina e império era predominantemente anglófona e em grande parte focada na Índia de administração britânica; para os contextos de colonização

---

<sup>1</sup> O ciclo de projectos coordenados por Cristiana Bastos e a que se associaram Ricardo Roque e Mónica Saavedra iniciou-se em 1997 e incluiu: *Encontro de Culturas e Saberes Médicos: A Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa* (projecto do ICS com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1998-2000); *Medicina Tropical e Administração Colonial: Estudo da Circulação de Saberes e Poderes no Império Colonial Português* (projecto programático do ICS, 1999-2000, com uma bolsa de viagem da Fundação Oriente); *Saberes Médicos e Práticas Terapêuticas nos Espaços de Colonização Portuguesa* – programa conjunto ICS-Casa de Oswaldo Cruz, CNPq (Brasil) e ICCTI-GRICES (Portugal), 2001-2003; *Medicina Tropical e Administração Colonial: Um Estudo do Império a partir da Escola Médico-Cirúrgica de Goa* (FCT/PLUS/15157/1999, 2001-2004); *Medicina Colonial, Estruturas Imperiais e Vidas Pós-Coloniais (Portugal, Séculos XIX-XX)* (FCT/POCTI/ANT/41075/2001, 2002-2006). A finalização deste livro, muitos anos depois, é já feita no decurso do projecto *The Colour of Labour: The Racialized Lives of Migrants* (ERC AdG 695573), que permitiu ampliar a reflexão e introduzir alguns termos comparativos. A edição do livro teve o apoio de fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDP/50013/2020.

portuguesa, a literatura crítica era então escassa e, para o campo da saúde, praticamente inexistente.<sup>2</sup> Em contrapartida, as fontes primárias em português mostraram-se abundantes, inexploradas e de grande interesse. Terei tido a sorte dos principiantes, já que era consensual entre historiadores que o acesso a fontes para o século XIX de Goa era difícil; mas entre os acervos do Arquivo Histórico Ultramarino, da Biblioteca Nacional, da Sociedade de Geografia de Lisboa, e, mais tarde, da Biblioteca Pública de Pangim e do Xavier Center for Historical Research, de Porvorim, em Goa, encontrei – ou melhor, encontramos, formada entretanto a equipa – um manancial de relatórios anuais dos serviços de saúde, ofícios e missivas sobre assuntos específicos, folhetos, opúsculos, monografias e revistas especializadas de farmácia, medicina e cirurgia, biografias de médicos, literatura institucional, ensaios reflexivos. Limitados a fontes em português, esperamos que este esforço seja prolongado com fontes em konkani e marahti.

Os estudos críticos de medicina e império revolucionaram um campo que tradicionalmente consistia em cronologias de descobertas de patologias singulares por heróis singulares; em seu lugar desenvolveram a análise dos encontros/desencontros culturais e das relações de poder subjacentes ao estabelecimento da ordem sanitária em contextos coloniais.<sup>3</sup> As epidemias, enquanto momentos de crise, de mobilização política, discursiva, simbólica, e até bélica, constituíam

---

<sup>2</sup> A obra de Fátima da Silva Gracias *Health and Hygiene in Colonial Goa 1510-1961* (Nova Deli: Concept Publishing Company, 1994) constituía uma rara exceção.

<sup>3</sup> Num primeiro momento destacaram-se as obras de David Arnold, ed., *Imperial Medicine and Indigenous Societies* (Oxford: Oxford University Press, 1988); Roy MacLeod e Milton Lewis, eds., *Disease, Medicine, and Empire: Perspectives on Western Medicine and the Experience of European Expansion* (Londres: Routledge, 1988); Megan Vaughan, *Curing Their Ills: Colonial Power and African Illness* (Stanford: Stanford University Press, 1991); Poonam Bala, *Imperialism and Medicine in Bengal – A Socio-Historical Perspective* (Nova Deli: Sage, 1991); Mark Harrison, *Public Health in British India: Anglo-Indian Preventive Medicine 1859-1914* (Cambridge: Cambridge University Press, 1994); Lenore Manderson, *Sickness and the State: Health and Illness in Colonial Malaya, 1870-1940* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996); Andrew Cunningham e Bridie Andrews, *Western Medicine as Contested Knowledge* (Manchester: Manchester University Press, 1997); Philip Curtin, *Disease and Empire: The Health of European Troops in the Conquest of Africa* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998). O campo ampliou-se tremendamente no século XXI, com obras que levaram mais longe esta linha analítica a propósito de contextos coloniais e pós-coloniais, diversificando também as geografias de referência.

um tema privilegiado para essa abordagem.<sup>4</sup> Motivava-me o estudo das epidemias e, em termos conceptuais, procurava o elo entre o contexto militarizado da medicina colonial e o repertório de representações e modelos bélicos que permearam o desenvolvimento da medicina tropical e, por mais de um século, dominariam os vocabulários da etiologia, tratamento e prevenção das doenças infecciosas.<sup>5</sup> Ao estudo das epidemias juntaram-se outros temas, como a institucionalização do ensino médico, a assistência hospitalar, o conhecimento botânico e farmacêutico.

Estava perante um projecto de larga escala e tinha onde me inspirar na literatura internacional. Tinham chegado à história da saúde as perspectivas e métodos da história social e da antropologia, e com estas o estudo da experiência vivida – no corpo, nas políticas sanitárias, nos isolamentos, nos tratamentos, nos empréstimos de conhecimento clínico e etiológico – da ordem colonial e dos termos da desigualdade em que se inscreve. Em simultâneo, pelo prisma do corpo, da saúde e das práticas terapêuticas, a antropologia podia abordar de frente os contextos de impérios que em larga medida tinham condicionado os seus primórdios enquanto disciplina e a postura cognitiva tão criticada pelo reflexivismo dos anos 1980. Efectivamente, a partir dos anos 2000, o estudo crítico dos legados coloniais viria a tornar-se uma vibrante linha de trabalho na antropologia como noutras disciplinas, da história aos estudos culturais, literários, visuais e pós-coloniais.

Em paralelo emergia como tendência conceptual e metodológica a antropologia do arquivo e no arquivo, reiterando uma convergência

---

<sup>4</sup> Como exemplos clássicos, veja-se David Arnold, *Colonizing the Body* (Berkeley: University of California Press, 1993); John Farley, *Bilharzia: A History of Imperial Tropical Medicine* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991); Jean-Paul Bado, *Médecine coloniale et grandes endémies en Afrique 1900-1960: lèpre, trypanosomiase humaine et onchocercose* (Paris: Karthala, 1996); Paul Cranefield, *Science and Empire: East Coast Fever in Rhodesia and the Transvaal* (Cambridge: Cambridge University Press, 1991); Maryinez Lyons, *The Colonial Disease: A Social History of Sleeping Sickness in Northern Zaire, 1900-1940* (Cambridge: Cambridge University Press, 1992). Também este campo se expandiu e sofisticou, estendendo os seus métodos de análise às epidemias contemporâneas.

<sup>5</sup> Cristiana Bastos, «Germ theories in a colonial setting: medical theories and military practices in a late nineteenth century Goa, India», *EASST Review*, 17, n.º 4 (1998): 9-12.

entre antropologia e história já posta em prática por diversos autores.<sup>6</sup> No campo da saúde, essa convergência superava a tradicional divisão que atribuía à história o estudo da administração colonial e institucionalização da medicina europeia, inscritas na documentação, e à antropologia o estudo dos saberes e práticas terapêuticas dos povos colonizados e indígenas, mantidos na tradição oral. Na prática da investigação, essa confluência metodológica e conceptual obrigava a mais do que a pequenos empréstimos entre as disciplinas; impunha uma articulação constante entre ambas no estudo das particularidades de cada «encontro» entre instrumentos, práticas e políticas enformados na medicina ocidental e as práticas e saberes locais, fossem de tradição oral ou institucionalizados em corpos de saber como a medicina *ayurvedica*, *unani*, *siddha*, para falar apenas das existentes no subcontinente indiano. Esses «encontros» têm sido reportados de diferentes modos pela literatura analítica – desde a violenta eliminação do mais fraco na relação de poder desigual, descrita como epistemicídio dos saberes indígenas, a empréstimos mútuos, apropriações, integrações, hibridações, que nos aparecem ora representadas celebratoriamente como originalidade lusotropicalista ora pensadas, no limite, como modalidades de biopirataria.<sup>7</sup>

Nenhum desses modelos interpretativos e temas precedeu e condicionou a nossa análise, que se manteve atenta às múltiplas camadas

---

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, Jean Comaroff, *Body of Power, Spirit of Resistance: The Culture and History of a South African People* (Chicago: University of Chicago Press, 1985); Jean Comaroff e John Comaroff, *Of Revelation and Revolution: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa* (Chicago: Chicago University Press, 1991); Frederick Cooper e Ann Laura Stoler, eds., *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World* (Berkeley: University of California Press, 1997); Ann Laura Stoler, *Carnal Knowledge and Imperial Power: Race and the Intimate in Colonial Rule* (Berkeley: University of California Press 2002) e *Race and the Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things* (Durham: Duke University Press, 1995).

<sup>7</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Semear Outras Soluções: Os Caminhos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Rivaís* (Porto: Afrontamento, 2004); José Eduardo Mendes Ferrão, *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993); Richard H. Grove, *Green Imperialism, Colonial Expansion, Tropical Island Edens and the Origins of Environmentalism, 1600-1860* (Camberra: Australian National University, 1996); Ines G. Županov e Ângela Barreto Xavier, «Quest for permanence in the tropics: Portuguese bioprospecting in Asia (16th-18th centuries)», *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 57, n.º 4 (2014): 511-548; Ângela Barreto Xavier e Ines G. Županov, *Catholic Orientalism: Portuguese Empire, Indian Knowledge* (Oxford: Oxford University Press, 2014).

do enunciado e dos subentendidos contidos na documentação, usando a postura que Ann Laura Stoler designou «along the archival grain».<sup>8</sup> Explorando o arquivo com a etnografia como método, isto é, observando o pormenor e os imponderáveis do quotidiano transpostos para a intimidade silenciosa do arquivo, procurámos, na rotina dos serviços de saúde da Índia, e também nos períodos de exceção e crises epidémicas, nos seus relatórios oficiais, *memoranda*, cartas, ofícios confidenciais e anotações de margem, indícios dos modos de interação entre a medicina europeia associada ao regime colonial e as tradições terapêuticas que continuaram a praticar-se por todo o subcontinente. Se a literatura anglófona nos dava a conhecer as estratégias britânicas relativas à medicina na Índia, as quais oscilam entre períodos de pluralismo cultural e momentos de regra imperial monolítica, bem como as estratégias e práticas dos vários grupos locais em interação com o poder colonial e a sua medicina, pouco se sabia sobre o que se passou a este respeito sob a governação portuguesa. Que atitudes tomou a administração portuguesa, e os seus agentes, perante as práticas terapêuticas locais e potencialmente concorrentes? Quando, e como, as tentou perceber e incorporar, quando e como as rejeitou e perseguiu? Que medidas tomou, ou não tomou, para governar o corpo e os corpos das populações que pretendia dominar? De que modos se serviu, ou não serviu, da medicina europeia para veicular a ordem colonial? E o que podemos saber a este respeito sobre as práticas e cognições dos grupos locais de Goa, Damão e Diu, cristãos, hindus, muçulmanos, homens, mulheres, ricos, pobres, urbanos, rurais, camponeses, pescadores, mercadores, líderes comunitários, oficiantes religiosos, herbolários e curadores?<sup>9</sup>

Abordámos os arquivos com estas perguntas e os resultados serviram de base a um largo número de intervenções académicas, artigos,

---

<sup>8</sup> Ann Laura Stoler, *Along the Archival Grain: Epistemic Anxieties and Colonial Common Sense* (Princeton: Princeton University Press, 2010).

<sup>9</sup> Mantemos alguma reserva quanto às nomenclaturas que organizam e hierarquizam os grupos de modo fixo; a «tribalização», «etnicização» e mesmo «castificação» das sociedades locais são hoje vistas como operações cognitivas e administrativas da governação colonial. Ver Susan Baily, *Caste, Society and Politics in India from the Eighteenth Century to the Modern Age* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999); Bernard Cohn, *Colonialism and its Forms of Knowledge: The British in India* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1996); Nicholas Dirks, *Castes of Mind: Colonialism and the Making of Modern India* (Princeton: Princeton University Press, 2001).

capítulos e *dossiers* analíticos, quase todos disponíveis em acervos académicos de livre acesso. Faltava, porém, um volume de síntese – e essa foi a primeira génese deste livro, elaborado em meados da década de 2000, centrado no século XIX e início do XX, distantes do apogeu da Goa Dourada e fora da cronologia dos grandes trabalhos historiográficos sobre a Índia de administração portuguesa. A dinâmica de pesquisa e as questões geradas levaram-nos entretanto a alargar o alcance temporal do estudo e a procurar novas interlocuções. E foi assim que chegamos à segunda génese deste livro, que traz uma abordagem mais ampla das interações euro-asiáticas no plano dos conhecimentos e práticas terapêuticas e no contexto de expansão e novos encontros de natureza religiosa, política e comercial. Temos agora uma obra de maior abrangência, contando com colaborações de especialistas em diversos aspectos da circulação do conhecimento sobre plantas de uso terapêutico que tiveram em Goa um momento transformativo de passagem, empréstimo, reconhecimento, transação. Para além de nos aproximarem dessas realidades empíricas e quase palpáveis de plantas, aromas, sabores, saberes e usos, estes autores dialogam directamente com novas linhas de investigação contemporânea sobre as circulações de saberes e negociações de poderes que se inscrevem nas experiências de contacto no contexto de império, deixando definitivamente de lado os modelos difusionistas de transmissão do conhecimento a partir do renascimento europeu.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Veja-se, por exemplo, Kapil Raj, *Relocating Modern Science: Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007); James A. Secord, «Knowledge in transit», *ISIS*, 95, n.º 4 (2004): 654-672; Lissa Roberts, «Situating science in global history: local exchanges and networks of circulation», *Itinerario*, 33, n.º 1 (2009): 9-30; Županov e Xavier, *Catholic Orientalism*; Hugh Cagle, *Assembling the Tropics: Science and Medicine in Portugal's Empire, 1450-1700* (Cambridge: Cambridge University Press, 2018); Londa Schiebinger e Claudia Swan, eds., *Colonial Botany: Science, Commerce, and Politics in the Early Modern World* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2005); Matthew James Crawford, *The Andean Wonder Drug: Cinchona Bark and Imperial Science in the Spanish Atlantic, 1630-1800* (Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2016); Pablo F. Gómez, *The Experiential Caribbean: Creating Knowledge and Healing in the Early Modern Atlantic* (Chapel Hill: The University of North Carolina, 2017); Arndt Brendecke, *The Empirical Empire: Spanish Colonial Rule and the Politics of Knowledge* (Berlim e Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2016); Palmira Fontes da Costa, ed., *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta's Colloquies on the Simple and Drugs of India in Context* (Nova Iorque: Routledge, 2016); Antonio Barrera-Osorio, *Experiencing Nature. The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*

Em causa está a análise detalhada dos processos de consolidação e circulação do conhecimento das plantas e substâncias, do seu aproveitamento médico-farmacêutico, do seu valor simbólico e comercial, bem como os múltiplos intervenientes, entre monarcas, dirigentes, militares, padres, missionários, irmãos leigos, servos, senhores, curadores, médicos, *vaidyas*, boticários, *bakims*, mercadores, consumidores, e os muitos fabricantes quotidianos que conheciam e usavam as substâncias que se tornam objecto de listas e catálogos de conhecimento. É desses complexos processos de tradução e empréstimo de cognições, de experimentação, de ordenamento e sistematização de colecções e herbários, de metatradução do conhecimento botânico para aplicação terapêutica no contexto luso-asiático que nos falam os primeiros capítulos do livro.

**Teresa Nobre de Carvalho** abre o volume com uma revisitação original de *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Mediciniais da Índia*, levando-nos aos contextos em que se produz e acrescenta o valor do conhecimento de cada espécime – desde os procedimentos e anotações do médico e botânico português Garcia de Orta, em interacção com especialistas e leigos utilizadores das plantas nas boticas e cozinhas de Goa, até aos vários pontos de chegada em entrepostos europeus, onde o valor é ampliado e reconfigurado nas cores do fascínio pelo novo mas também no seu poder transformador de mercados. Orta, ele mesmo de pertenças intersticiais e intrinsecamente cosmopolita – membro da diáspora judaica e cristã-nova perseguida pela Inquisição –, gera a obra com base nas suas muitas experiências, observações, provas, mas sobretudo interacções com os múltiplos portadores de conhecimentos e de práticas com quem conviveu na sua longa estadia na Índia e com aqueles que, na distante Europa, procuravam conhecimento, terapêuticas, prestígio, luxo ou lucros. As espécies que constam dos *Colóquios*, aqui examinadas em pormenor, constituem a primeira selecção de frutas e legumes indianos a figurar nos textos médico-botânicos europeus; a lista circulará por todo o mundo, revista, acrescentada e mesmo reinventada, como veremos neste capítulo e nos seguintes.

---

(Austin: University of Texas Press, 2006); Florence Hsia, *Sojourners in a Strange Land: Jesuits and Their Scientific Missions in Late Imperial China* (Chicago: University of Chicago Press, 2009).

Em «Experiencias das hervas orientaes», **Oana Baboi** parte de um inventário quinhentista da *materia medica* indiana para reconstituir a fascinante história das circunstâncias e motivações que a produziram e fizeram circular por lugares tão remotos como a China, de onde nos vem – em manuscrito pertencente a um missionário jesuíta flamengo – a única cópia sobrevivente do que tinha sido a compilação encomendada pelo vice-rei do Estado da Índia, Mathias de Albuquerque, a pedido do monarca Filipe I (II de Espanha). Como nos mostra a autora, este monarca e os seus predecessores promoveram a recolha de conhecimentos sobre os meios naturais dos lugares de conquista, as suas populações e recursos, ao mais ínfimo pormenor e de modo sistemático, iniciando, numa primeira leitura, o que se poderia tomar como uma inquirição a partir do centro com acumulação de saberes de todas as periferias. Mas o processo era mais complexo, e mais complexa é a análise: escrutinando cuidadosamente o que analisa como cultura de investigação das comunidades coloniais e os seus diversos intervenientes – dos vice-reis, médicos e boticários mais notórios aos anónimos mercadores, marinheiros, viajantes, capatazes, feitores, e outros que com os primeiros partilhavam o conhecimento, às plantas e às representações das mesmas –, a autora discute como os agentes da recolha davam prioridade a encontrar soluções para as doenças epidémicas experimentadas no local, a manter a saúde de quem se encontrava nas colónias, obter ganho financeiro, mas também, em muitos casos, ganhar créditos simbólicos para o bem das suas carreiras políticas.

Com o capítulo «Técnicas terapêuticas nativas da Índia utilizadas nas instituições médicas coloniais portuguesas», **Timothy Walker** leva-nos aos cenários nos quais se materializam alguns dos efeitos das culturas de investigação e terapêutica enunciadas nos capítulos anteriores: as boticas dos hospitais onde eram tratados os militares portugueses em serviço na Índia, onde grande parte dos medicamentos eram da farmacopeia *ayurvedica* ou da medicina popular local. O autor sugere que estes, habitualmente usados pelos *vaydias* e curandeiros tradicionais locais, circulavam com os praticantes indígenas recrutados para os hospitais, farmácias e enfermarias coloniais. Walker aproxima-nos da cultura médica híbrida que marcaria o século XVIII em Goa através do caso do goês Ignácio Caetano Afonso, que chegou a ocupar o cargo de físico-mor; estuda em pormenor a sua lista de



raízes terapêuticas e examina a história de utilização de cada uma. O autor proporciona-nos também um panorama das instituições hospitalares nas quais se processavam estas utilizações terapêuticas, e as dinâmicas de formalização e credenciamento dos praticantes de medicina – incluindo as tensões e acomodações entre médicos portugueses e locais, muitas vezes resolvidas pela cooptação destes dada a escassez dos primeiros. Segundo o autor, a generalizada presença de praticantes indianos, mesmo com alguma formação em medicina europeia, teve influência na adoção de remédios locais – vindos, aliás, dos mesmos comerciantes que forneciam as farmácias *ayurvedicas*. Esta dinâmica de fornecimentos era fluida e a dado momento passou a incluir plantas da costa oriental de África, como se comprova pela lista de José Ambriz, de 1799; e circulavam muito para além dos domínios da Índia propriamente dita.

No capítulo seguinte, **Fabiano Bracht** traz-nos uma análise complementar, a partir da acção da Companhia de Jesus na Ásia e do modo como os seus membros intervêm no desenvolvimento de uma medicina europeia aplicada aos trópicos. Combinando estratégias de conversão e cura, promovendo o conhecimento médico e farmacêutico, os jesuítas não apenas inscrevem e filtram o conhecimento local como o difundem em vastos circuitos mundiais, tornando-se por um lado agentes fundamentais da circulação do conhecimento e, por outro, junto com outras ordens, um elemento de tensão com as instituições de governação local – algo que veremos novamente nos capítulos que abordam a administração dos doentes hospitalizados. Não se trata, porém, de ver na Companhia de Jesus uma espécie de sistema circulatório por onde viajavam, intactos, os elementos de conhecimento, os procedimentos terapêuticos, as experiências acumuladas entre a Ásia e a Europa e outras partes do mundo. Pelo contrário, como mostra Bracht, esse sistema incluía comportas, filtros, modos de credenciamento que adaptavam o conhecimento e o legitimavam, transmitido entretanto num sistema de colégios que antecederam, em muitos lugares, as universidades.

Transitando entre a primeira e a segunda parte deste volume, **Ricardo Roque** traz-nos uma fascinante aproximação ao mundo botânico e farmacêutico de Goa no século XIX, começando com o ressuscitar de Garcia de Orta e dos *Colóquios* pela mão do Conde de Ficalho, tornados mais um elemento num contexto de competição

em desenvolvimentos farmacológicos e fitoterápicos enraizados nos saberes tradicionais e negociados nos novos critérios de legitimação científica. O autor traz-nos de perto às reflexões, anotações e debates dos médicos e farmacêuticos envolvidos no serviço de saúde colonial, na sua maioria naturais de Goa, sob chefias portuguesas, e num universo fervilhante de inovação em que alguns preconceitos estruturantes – entre o fascínio orientalista pelos *segredos* e a ambiguidade perante os praticantes de cura locais – convivem com práticas de empréstimo e tradução através das quais circulam elementos terapêuticos. O processo é exemplificado com o caso das pevides de bananeira-brava e os seus poderes fitoterápicos para a temível e omnipresente varíola.

A segunda parte do livro aborda um outro plano dos encontros luso-asiáticos no contexto da governação imperial: o das instituições e o da saúde pública, com particular atenção às epidemias. No sexto capítulo, **Cristiana Bastos** explora a memória e materialidade dos hospitais de Goa, cruzando várias fontes e contextualizando criticamente as narrativas que serviram de base a uma historiografia apologética da presença portuguesa. Por entre as linhas da narrativa heróica constam também as tensões, jogos de poder, produção de desigualdades e mais aspectos da micropolítica no interior das instituições de assistência e cura, permeados de hiatos no exercício do poder colonial, de acomodações entre grupos distintos, de dualidades que desdobram a oposição entre europeus e asiáticos em várias outras definidas por identificadores de religião, género, casta, etc. A autora olha ainda de perto para a documentação dos Serviços de Saúde e da Escola Médica de Goa no século XIX e propõe, a partir das práticas, directivas, frustrações e resistências nos planos do ensino médico e da saúde pública, uma cronologia das relações de poder para o século XIX em que sobressaem longos momentos de influência das elites locais e mais curtos períodos de imposição da ordem sanitária colonial, que só se instala verdadeiramente no século XX.

Nos capítulos seguintes, as epidemias tomam o centro da análise. **Cristiana Bastos** discute as abordagens, reacções, percepções e intervenções dos representantes do estado colonial a respeito da varíola, materializadas numa cronologia de governações da saúde mapeada pela sequência de físicos-mores do século XIX. Estando a literatura dominada pela tensão variolização/vacinação, questiona o recorte analítico que toma esta polaridade como uma emanção da oposição

entre governados e governantes e aponta para a experimentação de formas híbridas de prevenção e mitigação – sendo as autoridades coloniais muitas vezes forçadas a aceitar estas práticas, quando não persuadidas dos benefícios das mesmas.

Em «A lanceta contra a deusa», **Mónica Saavedra** leva mais longe essa análise e oferece-nos uma ampla discussão sobre as práticas, racionalizações e narrativas de alteridade que permeiam fontes e literatura, revendo a genealogia de ambos os modos de prevenção, bem como as porosidades, empréstimos, traduções e circulação geral que esteve subjacente aos diferentes usos da vacinação e variolização em Goa, a partir de fontes primárias, e na Índia em geral, a partir de uma ancorada discussão da literatura analítica recente. Ultrapassando tanto as análises clássicas difusionistas como as que vêm na oposição entre métodos a oposição entre colonizadores e colonizados, ou cristãos e hindus, a autora leva-nos a cenários de «equilíbrios sociais e culturais dinâmicos, permanentemente negociados e performatizados, conforme os actores em confronto e as vicissitudes políticas e económicas do momento».

No estudo das epidemias de cólera e peste em Goa emergem dinâmicas que em parte prolongam e em parte contrastam com o que se apresentou para a varíola. A partir da documentação dos serviços de saúde, da imprensa local e dos estudos médico-sanitários produzidos no contexto destas epidemias, **Cristiana Bastos** e **Mónica Saavedra** proporcionam-nos uma aproximação etnográfica aos ciclos de temor, representações e intervenções em contexto epidémico. Os comentários médicos, administrativos e jornalísticos sobre os surtos de cólera organizam-se num conjunto de temas que nos permitem conhecer melhor as condições do exercício negociado do biopoder colonial. Paira o espectro da peculiar situação de Goa enquanto enclave num subcontinente mais vasto, de onde emanariam a cólera e a peste que ameaçavam a paz sanitária do enclave. Articulam-se os preconceitos de governantes sobre governados, equacionam-se os rituais religiosos em duas bitolas – idolatria para os «gentios», devoção para os cristãos. Resgatam-se mezinhas antigas e inventam-se novas; farmacêuticos e clínicos preparam e anunciam os seus compostos vegetais, por vezes a partir de receitas já processadas em Lisboa ou noutros lugares, com elementos de todo o mundo. Oscilam e mudam os modelos interpretativos sobre contágio e transmissão, num período

em que a bacteriologia fazia caminho na medicina mas não contava com consenso universal. Quando irrompe a peste, na viragem para o século xx, já o modelo bacteriológico estava consolidado, restando algumas dúvidas sobre os vectores de transmissão e contestando-se por vezes as medidas de prevenção adoptadas. Chegam-nos relatos de grande intensidade narrativa, a que não faltam os múltiplos elementos da dramaturgia da peste, combinando pessoas, ratos, objectos, trajectos, fronteiras, contaminações, tal como viria a ser celebrado, muito mais tarde, nos retratos literários e cinematográficos desta epidemia. As respostas locais à peste em Goa permitem-nos também esclarecer uma transição configurada nos capítulos anteriores: a normatização do conhecimento médico e das regras de saúde pública em padrões internacionais, agora sob o comando de médicos goeses.

Finalmente, no capítulo 10, **Mónica Saavedra** ilustra a definitiva consolidação da ordem sanitária colonial em Goa através da análise de um programa icónico, o da hanseníase, na qual teve grande protagonismo um dos mais celebrados médicos goeses, Indalêncio Froilano de Melo. Este estudo detalhado e bem ancorado não apenas nos permite conhecer as particularidades de Goa e de outros lugares no que toca à lepra/hanseníase, mas ainda que esta «colónia» se torna interviniente nos meios sanitários internacionais sem intervenção mediadora da «metrópole», e traz para a experiência local as influências e políticas globais de um modo que é tudo menos o de uma periferia distante que passivamente recebe instruções de centros de decisão.

\* \* \*

Pela extensão cronológica abrangida e pelo alcance das discussões, ultrapassámos a proposta inicial de dialogar com a literatura de medicina e império e abrimos a outras literaturas e questões, como a da circulação do conhecimento e o seu entrosamento com os nexos de influência económica, política e religiosa desde os primeiros «encontros». Os contributos aqui reunidos subvertem ou matizam algumas ideias consolidadas nas grandes narrativas de império e resistência, de difusão e apropriação. Desde o século xvi, com as transacções de conhecimento sobre plantas terapêuticas, até ao xx, com os programas de hanseníase, Goa oferece-nos múltiplos exemplos que subvertem a segurança dos modelos interpretativos de difusão do conhecimento

entre centros e periferias e de corte epistemológico entre cognições e práticas de saúde de colonizadores e de colonizados.

Não propomos um eixo analítico único que atravessasse a abordagem de largo espectro contida neste volume, mas emergem coerências e nexos entre as diferentes aproximações dos autores às materialidades da produção e circulação dos conhecimentos sobre plantas e, no conjunto, com as aproximações às práticas da assistência médica e à produção e circulação de conhecimentos nos períodos posteriores. O estudo da produção e circulação do conhecimento nos séculos XVI-XVII mostra-nos um processo de múltiplos intervenientes, múltiplos interesses e complexos canais de negociação que dificilmente se pode conter nos modelos simplificados de descoberta, difusão, apropriação ou silenciamento. O estudo das práticas de assistência médica no século XVIII revela interações e hibridações ora universalizadas ora negociadas em ambientes de tensão social multifactorial, com um progressivo afrouxamento do controlo imperial em Goa e a emergência de dinâmicas locais.

O estudo do século XIX mostra um intensificar deste quadro de dinâmicas locais, que conjuga as práticas e saberes da medicina europeia com outras práticas e saberes consolidados em Goa fora dessa matriz. Nesta sociedade de facetas múltiplas em que os jogos de poder se entrecruzavam e sobrepunham, e em que a fronteira entre locais e coloniais se desdobrava em muitos matizes – efeito de uma longa ocupação e apropriação mútua de símbolos do poder e instrumentos do seu exercício –, a prática local da medicina europeia e a imposição da sua lógica sanitária eram muitas vezes o resultado de negociações não explicitadas, de processos de troca e encontro que resultam em hibridações e em práticas e símbolos compósitos. Nem estamos numa sociedade de fronteira, de «colonização» no sentido clássico, de ocupação de território, nem tão-pouco de completa subjugação de um povo a outro, mas antes de um conjunto de formas entrelaçadas de exercício do poder e hierarquias sobrepostas e nem sempre integrando um sistema coerente. A profissionalização da carreira médica, definida nos termos ocidentais, deve ser entendida como parte de um jogo de poderes em que estão em causa o acesso a cargos públicos, a legitimação da autoridade, a ascensão social ou a manutenção do *status quo*, e não apenas a institucionalização do ensino de saberes e práticas de cura.

No estudo das epidemias ao longo do século XIX detectamos uma pluralidade de vozes e atitudes por parte dos físicos-mores do reino, entre os que lamentam a precariedade dos meios de acção, os que exprimem com clareza o preconceito contra os costumes locais, os que tentam acomodar as diferenças religiosas e culturais para melhor potenciar a saúde pública, os que se fascinam pelo potencial curativo dos remédios locais e se intrigam com a fidelidade às tradições herbalistas mesmo entre as elites cristianizadas; através das fontes lemos também as múltiplas atitudes de contestação, resistência ou adesão, por parte da população, às propostas sanitárias do governo. Com as epidemias, as tensões ficam mais recortadas e aos temas recorrentes juntam-se alguns novos, como o da percepção de Goa como um enclave político que se torna um enclave sanitário falhado, as relações com a Índia inglesa, as políticas de prevenção em emergência epidémica, as dúvidas e debates quanto à etiologia da cólera, o papel das devoções religiosas, etc.

Com o século XX, dá-se a convergência de vários factores: no plano médico europeu e internacional, a estabilização do consenso bacteriológico e a standardização de procedimentos laboratoriais, clínicos e preventivos; no plano político de Goa, a intervenção directa do Estado português nos vários níveis de governação local – incluindo a saúde – após um período de revolta anticolonial nas Novas Conquistas, em finais do século XIX; no plano dos intervenientes nesse processo, a consolidação de uma elite local com formação médica europeia que doravante estará à frente dos serviços de saúde, regendo-se por princípios conformes a essa orientação. Esta mesma elite, ou alguns dos seus membros, promove no século XX uma história da medicina em Goa que dá máximo crédito às intervenções portuguesas e adesão local às mesmas. Das complexas dinâmicas anteriores, que assim foram tornadas invisíveis, esperamos ter dado conta ao longo dos capítulos; esperamos também que as propostas analíticas que delas fizemos possam inspirar mais pesquisa, interlocução, contestação e, desejavelmente, leituras críticas.

## Referências

- Arnold, David. *Colonizing the Body*. Berkeley: University of California Press, 1993.  
Arnold, David, ed. *Imperial Medicine and Indigenous Societies*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

- Bado, Jean-Paul. *Médecine coloniale et grandes endémies en Afrique 1900-1960: lèpre, trypanosomiase humaine et onchocercose*. Paris: Karthala, 1996.
- Baily, Susan. *Caste, Society and Politics in India from the Eighteenth Century to the Modern Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Bala, Poonam. *Imperialism and Medicine in Bengal – A Socio-Historical Perspective*. Nova Deli: Sage, 1991.
- Barrera-Osorio, Antonio. *Experiencing Nature. The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*. Austin: University of Texas Press, 2006.
- Bastos, Cristiana. «Germ theories in a colonial setting: medical theories and military practices in a late Nineteenth century Goa, India». *EASST Review*, 17, n.º 4 (1998): 9-12.
- Brendecke, Arndt. *The Empirical Empire: Spanish Colonial Rule and the Politics of Knowledge*. Berlim e Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2016.
- Cagle, Hugh. *Assembling the Tropics: Science and Medicine in Portugal's Empire, 1450-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- Cohn, Bernard. *Colonialism and its Forms of Knowledge: The British in India*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1996.
- Comaroff, Jean. *Body of Power, Spirit of Resistance: The Culture and History of a South African People*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- Comaroff, Jean, e John Comaroff. *Of Revelation and Revolution: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa*. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- Cooper, Frederick, e Ann Laura Stoler, eds. *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- Costa, Palmira Fontes da, ed. *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India in Context*. Nova Iorque: Routledge, 2016.
- Cranefield, Paul. *Science and Empire: East Coast Fever in Rhodesia and the Transvaal*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Crawford, Matthew James. *The Andean Wonder Drug: Cinchona Bark and Imperial Science in the Spanish Atlantic, 1630-1800*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2016.
- Cunningham, Andrew, e Bridie Andrews. *Western Medicine as Contested Knowledge*. Manchester: Manchester University Press, 1997.
- Curtin, Philip. *Disease and Empire: The Health of European Troops in the Conquest of Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- Dirks, Nicholas. *Castes of Mind: Colonialism and the Making of Modern India*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- Farley, John. *Bilharzia: A History of Imperial Tropical Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Ferrão, José Eduardo Mendes. *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993.
- Gómez, Pablo F. *The Experiential Caribbean: Creating Knowledge and Healing in the Early Modern Atlantic*. Chapel Hill: The University of North Carolina, 2017.
- Gracias, Fátima da Silva. *Health and Hygiene in Colonial Goa 1510-1961*. Nova Deli: Concept Publishing Company, 1994.

- Grove, Richard H. *Green Imperialism, Colonial Expansion, Tropical Island Edens and the Origins of Environmentalism, 1600-1860*. Canberra: Australian National University, 1996.
- Harrison, Mark. *Public Health in British India: Anglo-Indian Preventive Medicine 1859-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Hsia, Florence. *Sojourners in a Strange Land: Jesuits and Their Scientific Missions in Late Imperial China*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- Lyons, Maryinez. *The Colonial Disease: A Social History of Sleeping Sickness in Northern Zaire, 1900-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- MacLeod, Roy, e Milton Lewis, eds. *Disease, Medicine, and Empire: Perspectives on Western Medicine and the Experience of European Expansion*. Londres: Routledge, 1988.
- Manderson, Lenore. *Sickness and the State: Health and Illness in Colonial Malaya, 1870-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- Raj, Kapil. *Relocating Modern Science: Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007.
- Roberts, Lissa. «Situating science in global history: local exchanges and networks of circulation». *Itinerario*, 33, n.º 1 (2009): 9-30.
- Santos, Boaventura de Sousa. *Semear Outras Soluções: Os Caminhos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Rivaís*. Porto: Afrontamento, 2004.
- Schiebinger Londa, e Claudia Swan, eds. *Colonial Botany: Science, Commerce, and Politics in the Early Modern World*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2005.
- Secord, James A. «Knowledge in Transit», *ISIS*, 95, n.º 4 (2004): 654-672.
- Stoler, Ann Laura. *Along the Archival Grain: Epistemic Anxieties and Colonial Common Sense*. Princeton: Princeton University Press, 2010.
- Stoler, Ann Laura. *Carnal Knowledge and Imperial Power: Race and the Intimate in Colonial Rule*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- Stoler, Ann Laura. *Race and the Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press, 1995.
- Vaughan, Megan. *Curing Their Ills: Colonial Power and African Illness*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- Xavier, Ângela Barreto, e Ines G. Županov. *Catholic Orientalism: Portuguese Empire, Indian Knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- Županov, Ines G., e Ângela Barreto Xavier. «Quest for permanence in the tropics: Portuguese bioprospecting in Asia (16th-18th Centuries)». *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 57, n.º 4 (2014): 511-548.